

CONFLITOS E VIOLÊNCIAS NO COTIDIANO DA PROFISSÃO DOCENTE NO SUL DO PARÁ NA DÉCADA DE 1980

Cláudio Elias Marques
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Email: claudio.marques@unifesspa.edu.br

Hildete Pereira dos Anjos
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Email: anjoshildete@unifesspa.edu.br

Introdução

Este artigo é parte da dissertação de mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais na Amazônia (PDTSA/Unifesspa), com o título “O Projeto LOGOS II em Xinguara: histórias de vida e identidade regional na profissão do magistério.” Tomamos por base as histórias de vida de professoras e professores¹, as quais se referem ao cotidiano da profissão do magistério e a formação profissional docente do Projeto Logos II, em meio aos conflitos e violências que marcaram a década de 1980, no sul do Pará, analisados por Hébette e Marin (2004a), Assis (2007), Pereira (2015), Martins (1996), Petit e Cuéllar (2012). Tais conflitos são relacionados, neste trabalho, com as lutas pela educação escolar pública, em tempo de redemocratização e enfrentamento dos resquícios da ditadura civil e militar no Brasil dos anos 80. As narrativas das histórias de vida apontam acontecimentos do cotidiano escolar que dão nuances próprias à construção identitária singular e coletiva da profissão do magistério em Xinguara, marcada por conflitos e violências.

1. Fundamentação teórica

A ocupação militar pelo Exército brasileiro na região sul do Pará, (IANNI, 1978), favorecia prioritariamente as grandes empresas do capitalismo nacional e internacional, que acumulavam riquezas no uso do solo, minérios e florestas na Amazônia (HÉBETTE; MARIN, 1989). Enquanto a população migrante trabalhadora chegava de todos os lugares do Brasil em busca de terras férteis, encontrava estas terras demarcadas pelos latifúndios. A luta da população trabalhadora por um pedaço de terra resultava nos conflitos com o poder do latifúndio e o poder estatal, gerando violências e massacres às famílias trabalhadoras (MARTINS, 1996).

Nessa época, Xinguara foi notícia nacional em razão dos conflitos violentos pela disputa de terra. Na década de 1970, no sul do Pará, foram doadas extensões de lotes de terras, pelo Estado do Pará a grandes empresários residentes no sudeste do Brasil. A fazenda Tupã

¹ Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando o uso de seus nomes no trabalho..

Ciretã foi uma dessas doações, feita ao banqueiro Flávio Pinho de Almeida, com um total aproximado de 50.000 hectares de latifúndio. Nessa área, as famílias de trabalhadores e trabalhadoras imigrantes ocuparam e conquistaram aproximadamente 9.000 hectares, localizada a 12 quilômetros da cidade de Xinguara. As lutas e resistências das famílias ocupantes dessa área da fazenda Tupã Ciretã resultaram na efetivação do assentamento de 400 famílias, pelo Decreto nº 87.782 de 10 de novembro de 1982 (DURÃES, 2000).

A igreja católica, cujos padres estavam comprometidos com as lutas dos trabalhadores pela posse da terra, era o local de informações e reflexões sobre o que estava acontecendo. Por que, em uma região com tanta terra, havia tantos conflitos e violência por disputa de lotes de terras? A força do silêncio ideológico ocultava o modelo de desenvolvimento excludente que se implantava na região: os ricos dominando grandes extensões de latifúndios, enquanto a população imigrante trabalhadora era forçada ao conflito violento para a conquista desse sonho ou a desistir do sonho (PEREIRA, 2015).

Nesse contexto, havia a expansão dos garimpos, causadora de frustrações, agravadas pelos conflitos e mortes violentas nas disputas pelo minério de grande valor econômico: o tão desejado ouro (ASSIS, 2007). Havia o crescente movimento dos trabalhadores imigrantes em função da atividade de exploração do ouro nos garimpos na região. A atividade garimpeira foi também causadora do caos social naquele período, conforme análise de Durães (2016).

Essa realidade refletia na sala de aula e nas ruas da cidade, a convivência cotidiana com os acontecimentos que deixaram marcas na memória docente, em Xinguara, na década de 1980. Observamos em Nóvoa (1995) que a construção identitária da profissão do magistério se faz a partir de um processo reflexivo sobre as lutas e os conflitos, envolvidos na complexidade de histórias de vida, pessoais e profissionais. A partir dos anos 1960 até os anos 1980, conforme observamos em Ludke e Boing (2004) observava-se no Brasil, a precarização do mundo do trabalho e a redução do número de empregos. Esse contexto repercutia na profissão docente, produzindo desvalorização da profissão do magistério e na descaracterização identitária das professoras e professores. Brandão (1996, p. 15) observa o acúmulo cultural das professoras e professores que são “sabiamente sensíveis às relações entre a cultura local e a cultura escolar”. A relação da cultura local com os conflitos relatados no cotidiano da vida escolar torna-se marcante na construção identitária docente, enraizada nas experiências traumáticas de violência da história da região sul do Pará.

2. Resultados alcançados

Encontramos nas narrativas analisadas marcas da presença da ditadura, assim como a constituição de espaços de debates sobre redemocratização, lembranças dos conflitos agrários e da presença do garimpo

A professora Edna evidencia o silêncio ideológico trabalhado pela ditadura militar, que disfarçava os conflitos na região. Eram limitadas as condições de compreensão das causas e consequências daqueles acontecimentos. A professora Judite, observa o restrito acesso aos meios de comunicações da época e o isolamento que vivia Xinguara, na década de 1980.

Na interpretação do professor Gilson, havia um cuidado pedagógico, por parte da coordenação do Logos II, em relação ao tema regime militar e democracia nos debates e reflexões dos encontros pedagógicos. Havia, na interpretação da professora Marisa de Fátima, um grupo que defendia a ditadura militar e sua educação opressora e alienadora e outro grupo que defendia a reabertura democrática com emancipação do sujeito humano. A formação do magistério no Logos II, na metodologia em Xinguara, buscava entender o que estava acontecendo no contexto da ditadura militar, na década de 1980. Numa construção dialogada, se trabalhava uma metodologia democrática, em meio às divergências e conflitos ideológicos.

A iniciação no magistério do professor Raimundo Nonato tem relação simbólica com a Escola Estadual em São Geraldo do Araguaia, que recebe o nome da liderança sindical assassinada na luta pela terra na região: Raimundo Ferreira Lima, o Gringo². O professor Raimundo exercia a profissão do magistério e buscou na formação do Logos II sua qualificação. Ao mesmo tempo, convivia com conflitos e violências, junto com padres da igreja católica, no apoio aos posseiros que lutavam pelo pedaço de terra, nos primeiros anos da década de 1980.

Na história de vida da professora Edna Verônica, evidenciamos o conflito da fazenda Tupã Ciretã, em Xinguara. A violência com mortes, os corpos que se espalhavam na cidade, era uma convivência traumática com aqueles conflitos violentos pela disputa da posse da terra. Essa vivência cotidiana daqueles conflitos pela posse da terra é exemplificada na narrativa do professor Gilson, em seu primeiro dia na Escola Acy de Barros, em agosto de 1984. Naquele momento assistiu assustado às brincadeiras dos alunos na hora do recreio escolar, teatralizando os sujeitos envolvidos nos conflitos agrários: o delegado, o pistoleiro, o posseiro, o fazendeiro. As crianças conviviam com a violência em via pública e tornava-se uma “brincadeira” interpretada na hora do recreio. Esse efeito da violência no imaginário infantil reflete o processo de naturalização dos graves conflitos agrários entre a sociedade e os grupos de poder local e regional.

O professor Raimundo Nonato conviveu com a desilusão do garimpeiro, igualmente a milhares de homens trabalhadores nos garimpos, vindos do Nordeste, principalmente do Piauí e Maranhão, no sonho frustrado, do ouro não encontrado. A professora Maria de Jesus traz a memória da violência acentuada em Xinguara, em função da exploração do ouro nos garimpos na região. Essa realidade refletia na sala de aula e nas ruas da cidade, na convivência cotidiana com acontecimentos de violências que deixaram marcas na subjetividade das professoras e

² https://pt.wikipedia.org/wiki/Raimundo_Ferreira_Lima

professores.

A professora Judite Albuquerque enfatiza aquele contexto com o garimpo de Serra Pelada que influenciava na dinâmica migratória da cidade de Xinguara. A situação de abandono das famílias, das crianças que frequentavam as escolas e não sabiam do paradeiro dos pais, desaparecidos nos garimpos. O ouro, naquele contexto, era sinônimo de ausência dos homens nas famílias, dos filhos e filhas sem pai, junto com a violência acentuada no ambiente urbano de Xinguara.

Conclusão

Consideramos que, nessa reconstrução de memória histórica, a profissão do magistério tem sua construção identitária marcada pelo sofrimento e traumas de enfrentamento e convivência daquela realidade de conflitos e violência urbana e rural. Nessa reconstrução de histórias de vida, evidenciamos as marcas subjetivas, singulares e coletivas, gravadas nos sentimentos e nas memórias do grupo de professoras e professores, em Xinguara. Desse modo, enfatizamos a importância das histórias de vida, enquanto construção subjetiva, singular e coletiva das professoras e professores que participaram daquele contexto histórico da década de 1980, na região sul do Pará.

Vemos na compreensão de Brandão (1986, p. 15), sobre a sensibilidade docente às circunstâncias da cultura local um modo de interpretar tais marcas de violência. Essa cultura local envolvendo os conflitos relatados no cotidiano das histórias de vida torna-se marcante na construção identitária docente, enraizada nas experiências traumáticas de violência na região sul do Pará. A construção identitária da profissão do magistério, seguindo Nóvoa (1995), não pode deixar de carregar tais marcas, assim como a precarização do magistério em todo o país, herança da ditadura, na experiência regional ganha nuances próprias ao dialogar com os conflitos regionais.

Referências

ASSIS, William Santos de. **A construção da representação dos trabalhadores rurais no sudeste paraense**. 2007. 242 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os professores leigos. **Em aberto**, Brasília, DF, ano 5, n. 32, p. 13-16, 1986.

DURÃES, Francisco Batista. **A “pata do boi” e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense**. Jundiá: Paco, 2016.

DURÃES, Francisco Batista. **Caracterização sócio-econômica de uma área rural: o caso do Assentamento Vermelho e Preto, município de Xinguara-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Marabá, 2000.

HÉBETTE, Jean; MARIN, Rosa Acevedo. Estado e reprodução da estrutura social na fronteira: Ariquemes em Rondônia. *In*: HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia: v. 1: migração, colonização e ilusões de desenvolvimento**. Belém: EDUFPA, 2004a. p. 245-311.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

NÓVOA. António. **Vidas de Professores**. 2ª edição. Porto Editora: Porto, 1995.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Do posseiro ao Sem-Terra: a luta pela terra no Sul e Sudeste do Pará**. Recife: UFPE, 2015.

PETIT, Pere; CUÉLLAR, Jaime. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoio e resistências. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 169-189, 2012.